

Bioética

e interdisciplinaridade

Reflexões para um futuro sustentável

Paulo Fraga da Silva
Roger Fernandes Campato
Marcelo Martins Bueno
Organizadores



Editora
Mackenzie

BIOÉTICA

E INTERDISCIPLINARIDADE

Reflexões para um futuro sustentável

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA MACKENZIE

Coordenador Sérgio Silva Dantas

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Nabil Ghobril

Ana Alexandra Caldas Osório

Cecília de Carvalho Castro e Silva

Gianpaolo Poggio Smanio

Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

José Geraldo Simões Junior

José Luiz de Lima Filho

Luiz Roberto Martins Rocha

Paulino Graciano Francischini

Ronaldo de Oliveira Batista

Rosangela Patriota Ramos

Valéria Farinazzo Martins

BIOÉTICA

E INTERDISCIPLINARIDADE

Reflexões para um futuro sustentável

Paulo Fraga da Silva
Roger Fernandes Campato
Marcelo Martins Bueno
Organizadores

 Editora
Mackenzie

© 2025 Paulo F. Silva, Roger F. Campato e Marcelo M. Bueno

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

<i>Coordenação de produção editorial</i>	Jéssica Dametta
<i>Produção editorial</i>	Mariana Ruiz da Cunha
<i>Preparação de texto (português)</i>	Mariana Ruiz da Cunha
<i>Preparação de texto (inglês)</i>	Daniel Leão
<i>Preparação de texto (espanhol)</i>	Madrigais Editorial
<i>Revisão</i>	Bárbara Piloto Sincerre
<i>Capa e projeto gráfico</i>	Kelly Cristina Gomes Fialho
<i>Diagramação</i>	Kelly Cristina Gomes Fialho e Pedro Paulo Videira Pancheri
<i>Estagiárias editoriais</i>	Giovana Amaral Paz e Isabelle Callegari Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B615 Bioética e interdisciplinaridade : reflexões para um futuro sustentável. / Organizadores Paulo Fraga da Silva, Roger Fernandes Campato e Marcelo Martins Bueno – São Paulo: Editora Mackenzie, 2025. 264 p. ; 23 cm. – (Série Academack).

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-264-1208-4

1. Bioética. 2. Biopolítica. 3. Sustentabilidade. 4. Saúde. 5. Inteligência artificial. I . Silva, Paulo Fraga da, org. II. Campato, Roger Fernandes, org. III. Bueno, Marcelo Martins, org. IV. Título. V. Série.

CDD 179.1

Bibliotecária responsável: Jaqueline Bay Inacio Duarte – CRB 8/9509

Editora Mackenzie

Rua Maria Antônia, 163 – 2º andar

Higienópolis – São Paulo/SP

CEP 01222-010

editora@mackenzie.br

mackenzie.br/editora

Editora afiliada:



Prefácio	7
<i>Paulo Fraga da Silva, Roger Fernandes Campato e Marcelo Martins Bueno</i>	
1 – A vida em risco e o Estado soberano: uma leitura bioética de Hobbes	15
<i>Marcelo Martins Bueno, Roger Fernandes Campato e Paulo Fraga da Silva</i>	
2 – Translation bioethics: a workable ethics on the path to a sustainable future?	31
<i>Kristine Bærøe</i>	
3 – A democracia entre a ética e a biopolítica	43
<i>Jean Pierre Chauvin</i>	
4 – Justiça climática e responsabilidade: um olhar a partir de Hans Jonas	53
<i>Jelson Oliveira</i>	
5 – Bioética, sustentabilidade e meio ambiente a partir do princípio responsabilidade de Hans Jonas	77
<i>Valdir Gonzalez Paixão Júnior</i>	
6 – Agenda 2030, Bioética e direitos humanos: Espanha (2007-2022)	91
<i>Paulo Henrique Martinez e Carmen Patricia Martinez</i>	

7 – Ética da sustentabilidade, retórica e ecocrítica pós-colonial em <i>Ideias para adiar o fim do mundo</i> , de Ailton Krenak	113
<i>João Adalberto Campato Júnior e Luciana Ferreira Leal</i>	
8 – Vinte anos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos: conquistas e desafios do sistema jurídico nacional	147
<i>Renata da Rocha, Anna Paula Soares da Silva Marmirolli e Gianpaolo Poggio Smanio</i>	
9 – Bases teóricas da Bioética do Cuidado em Saúde	171
<i>Aline Albuquerque</i>	
10 – Formação de profissionais da saúde: a importância da interdisciplinaridade	193
<i>Patrícia Unger Raphael Bataglia e Priscila Caroline Miguel</i>	
11 – Una reflexión en torno a la salud mental desde la Bioética	207
<i>Eduardo Díaz Amado</i>	
12 – Desafios éticos da Inteligência Artificial	225
<i>João Figueiredo Nobre Brito Cortese</i>	
13 – Do Iluminismo à Inteligência Artificial: uma reflexão kantiana sobre ética, tecnologia e futuro corporativo	243
<i>Keine Alves</i>	

Prefácio

Paulo Fraga da Silva
Roger Fernandes Campato
Marcelo Martins Bueno

A Bioética é, antes de tudo, uma resposta. Uma resposta à emergência de dilemas que, sendo éticos, são também políticos, ambientais, sociais e civilizatórios. Desde sua popularização inicial por Van Rensselaer Potter, em 1970, a Bioética mostrou-se mais do que uma ética aplicada à Medicina ou à Biotecnologia: revelou-se como um campo do saber radicalmente interdisciplinar, o qual busca articular os imperativos éticos com os desafios concretos da vida, em todas as suas expressões. A proposta potteriana de uma ponte entre ciências biológicas e ciências humanas, posteriormente fortalecida pela Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura da Unesco, adotada em 2005, ampliou o horizonte do campo e reforçou seu compromisso com a dignidade humana, a justiça social e a sustentabilidade planetária.

É nesse contexto que se inscreve o presente livro, fruto dos Encontros e Simpósios Internacionais de Bioética realizados na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e de pesquisas, com apoio de agências de fomento como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o MackPesquisa, e sob a coordenação do Grupo de Pesquisa em Ética e Bioética (GPEB) da UPM, reconhecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A coletânea aqui reunida reflete o percurso e a vocação do GPEB ao longo dos anos: cultivar uma Bioética crítica, plural e engajada, conectada às realidades locais e globais, e comprometida com a formação ética de profissionais e cidadãos.

Composta de autores nacionais e internacionais, a obra testemunha a vitalidade e a maturidade de um campo de conhecimento que, embora

tenha nascido das urgências éticas do avanço biotecnológico no contexto biomédico, expandiu-se para abarcar, de modo transversal e integrado, os grandes dilemas da vida contemporânea.

Os textos aqui reunidos buscam repensar criticamente os fundamentos, os métodos e os compromissos da Bioética no século XXI. Trata-se de uma Bioética que, longe de ser mera abstração filosófica ou tecnicismo regulatório, se compromete com a justiça, a dignidade e a sustentabilidade, articulando saberes e experiências em defesa da vida – em todas as suas formas e dimensões.

Essa proposta transparece na diversidade temática e teórica dos capítulos que compõem este volume. Tal diversidade reflete a própria natureza da Bioética enquanto campo transdisciplinar, situado entre o normativo e o prático, entre o local e o global, entre o humano e o mais que humano. Longe de buscar respostas definitivas, esta coletânea convida o leitor a pensar, a dialogar e a transformar. Ao reunir contribuições de diferentes áreas – Filosofia, Direito, Saúde, Letras, Comunicação, Educação e Ciência Política – e de diferentes países, o livro reafirma a Bioética como um espaço de encontro e de escuta, de resistência e de criação.

O capítulo “A vida em risco e o Estado soberano: uma leitura bioética de Hobbes”, de Marcelo Martins Bueno, Roger Fernandes Campato e Paulo Fraga da Silva, propõe uma releitura crítica do pensamento de Thomas Hobbes a partir dos dilemas contemporâneos da Bioética. Os autores destacam a relevância do medo, da autopreservação e do contrato social como fundamentos ético-políticos indispensáveis à proteção da vida. Ao explorar a função civilizadora do Estado e sua responsabilidade moral diante das vulnerabilidades humanas, o texto articula conceitos clássicos da filosofia política com debates bioéticos atuais, como justiça social, direitos humanos e segurança sanitária. Trata-se de uma contribuição que amplia o horizonte da Bioética, lembrando que a vida em comum exige pactos coletivos, estruturas institucionais sólidas e uma reflexão ética sobre o poder, contribuindo para uma bioética sensível às dimensões históricas, sociais e afetivas da existência humana, especialmente relevante no Sul Global.

O capítulo de Kristine Bærøe apresenta os princípios de uma “Bioética translacional”, a qual visa superar o abismo entre teoria e prática na produção do conhecimento bioético. Em diálogo com a agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a autora propõe uma ética academicamente rigorosa e socialmente engajada, capaz de responder aos desafios das mudanças climáticas, das desigualdades globais e das transformações tecnocientíficas. Sua abordagem enfatiza o papel da reflexividade crítica, da justiça procedimental e da participação dos *stakeholders* na formulação de políticas e recomendações éticas, ou seja, poder e justiça na construção de recomendações éticas que façam sentido para os sujeitos reais, em seus contextos socioculturais. Ao fazê-lo, aponta para uma bioética sustentável – ética em sua forma e seus fins. A partir de uma crítica ao academicismo abstrato, Bærøe propõe uma ética situada, dialógica e sensível às condições concretas dos desafios globais.

Jean Pierre Chauvin, ao discutir o tema proposto no capítulo “A democracia entre a ética e a biopolítica”, convida-nos a revisitar o conceito de ética a partir de um percurso que vai de Aristóteles ao neoliberalismo contemporâneo, alertado para os riscos da captura da ética por lógicas utilitaristas e da dissolução da democracia em discursos de desempenho e produtividade. Sua reflexão crítica nos recorda que a Bioética só pode ser concebida como prática ética autêntica se for capaz de resistir à instrumentalização do humano e se reconectar com os ideais de justiça e pluralidade.

O texto de Jelson Oliveira propõe uma releitura da filosofia de Hans Jonas à luz das exigências da justiça climática. A partir do conceito de responsabilidade, o autor articula as dimensões morais, políticas e intergeracionais da crise ecológica, destacando que os impactos desiguais das mudanças climáticas – sobre povos, espécies e territórios – exigem uma ética do cuidado planetário, fundada não apenas no dever, mas também na reparação. A justiça climática, nessa leitura, emerge como um imperativo moral e como horizonte normativo da Bioética contemporânea.

Esse debate é também apresentado no capítulo de Valdir Gonzalez Paixão Júnior, o qual retoma o pensamento de Jonas para discutir a ética ambiental diante da emergência climática e de seus impactos desiguais na

sociedade, com destaque para as populações em situação de vulnerabilidade social. A proposta de uma nova ética ambiental deve considerar o dever para com as gerações futuras, pressupondo limites ao progresso e reverência à natureza como fim em si mesma. O autor defende a educação e o engajamento político como caminhos para enfrentar a emergência climática e promover justiça ambiental.

No campo das intersecções entre memória, direitos humanos e sustentabilidade, o capítulo de Paulo Henrique Martinez e Carmen Patricia Martinez examina a experiência espanhola de reparação histórica e sua relação com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Discute-se a importância da memória coletiva, da justiça e da reparação como pilares de um desenvolvimento sustentável ancorado na ética e nos direitos humanos. O texto relaciona, ainda, os princípios de solidariedade, parceria e educação global da Agenda 2030 com estratégias de cooperação internacional, enfatizando o ODS 17. A trajetória espanhola é apresentada como exemplo pertinente para refletir sobre bioética, democracia e justiça histórica no século XXI.

Essa ampliação da ética para além do humano é também o eixo do capítulo de João Adalberto Campato Júnior e Luciana Ferreira Leal, os quais analisam o discurso de Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo* à luz da ecocrítica pós-colonial, da ética da sustentabilidade e da retórica. Os autores demonstram como Krenak constrói uma crítica contundente ao antropocentrismo, à colonização e ao desenvolvimento sustentável capitalista, propondo alternativas baseadas na sabedoria dos povos originários. O texto articula passado, presente e futuro, apresentando resistências poéticas e éticas capazes de “adiar o fim do mundo” por meio da valorização da ancestralidade, da natureza e das subjetividades.

Renata da Rocha, Anna Paula Marmirolli e Gianpaolo Poggio Smanio elaboram um balanço dos 20 anos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, identificando seus reflexos na formação de um campo normativo no Brasil. Ao retomarem a noção de vulnerabilidade como fundamento ético e jurídico, os autores mostram como a Bioética, ao dialogar com os direitos humanos, pode e deve constituir um instrumento de

proteção, empoderamento e emancipação dos sujeitos – especialmente nos contextos clínicos, legislativos e institucionais. O texto recupera marcos regulatórios e avanços doutrinários, como a promulgação da Lei de Biossegurança, o reconhecimento do Biodireito como novo ramo jurídico e a consolidação das políticas de cuidados paliativos no Sistema Único de Saúde (SUS). Os autores defendem o aprimoramento contínuo do marco normativo nacional, orientado pelos princípios da Declaração, para assegurar que o progresso científico ocorra de forma ética e humanizada.

Nesse mesmo espírito de construção teórica, o capítulo de Aline Albuquerque propõe os fundamentos da Bioética do Cuidado em Saúde (BCS), uma nova teoria bioética orientada à prática clínica com base no pragmatismo de William James, na Ética do Cuidado de Held e Herring e na teoria dos direitos de Raz. A autora critica o distanciamento da bioética clínica tradicional perante os desafios concretos da prática em saúde, sobretudo no que tange à escuta ativa dos pacientes e à desconstrução das assimetrias de poder nas relações de cuidado. Diferencia-se do principialismo ao incorporar experiências concretas e compromissos morais firmes, como os direitos do paciente, sem desconsiderar bens coletivos, como o cuidado e a relationalidade. Sua proposta de BCS busca oferecer uma teoria bioética aplicada, relacional e sensível ao contexto, fundada na ética centrada no cuidado, na dignidade e na efetivação dos direitos do paciente.

Nesse sentido, Patrícia Bataglia e Priscila Caroline Miguel destacam a importância da formação ética ao discutir a preparação de profissionais da saúde a partir da competência moral e da interdisciplinaridade. Com base em estudos empíricos nacionais e internacionais, as autoras demonstram que a formação acadêmica muitas vezes não contribui, e até prejudica, o desenvolvimento da competência moral em cursos como Medicina, Enfermagem e Odontologia. Argumentam que uma educação voltada à autonomia, à reflexão crítica e à ação baseada em princípios éticos é essencial para práticas mais humanas e dialógicas. Nesse contexto, a interdisciplinaridade é apontada como um caminho necessário, pois promove o diálogo entre saberes, a corresponsabilidade e uma abordagem integral do cuidado. O texto

propõe uma formação humanista e democrática, destinada à construção de sujeitos éticos, críticos e cooperativos.

Eduardo Díaz Amado, no capítulo intitulado “Una reflexión en torno a la salud mental desde la Bioética”, propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre bioética e saúde mental no contexto contemporâneo, marcado por crises sociotécnicas, pandemias e reconfigurações subjetivas profundas. Eduardo Díaz Amado argumenta que a Bioética deve ultrapassar os limites do principialismo tradicional e atentar para a interioridade humana, afetada por dinâmicas de controle, medicalização e desumanização. Retomando as origens históricas da Bioética e sua conexão com a deficiência cognitiva, o autor denuncia o esquecimento da saúde mental nas agendas dominantes da disciplina. A partir da realidade latino-americana, sugere uma bioética mais atenta à subjetividade, à justiça social e às condições estruturais que impactam o sofrimento psíquico. Propõe, ainda, uma abordagem ética da saúde mental como dimensão essencial da vida boa, articulando-a a políticas públicas, direitos humanos e uma compreensão ampliada da dignidade. Em contraposição a distopias tecnocientíficas, como as descritas por Huxley, o capítulo defende uma bioética comprometida com a liberdade, o cuidado e o reconhecimento da pluralidade humana.

No campo das tecnologias emergentes, João Cortese traça um panorama conceitual da ética da Inteligência Artificial (IA), apresentando e discutindo dez desafios éticos fundamentais do campo. Entre eles, destacam-se os riscos da superinteligência, os vieses algorítmicos, a falta de explicabilidade dos sistemas, os impactos sociais e ambientais e o estatuto ético das IAs. O autor distingue problemas éticos urgentes e reais daqueles hipotéticos e futuristas, e defende a importância da filosofia na clarificação conceitual dos dilemas. Ao tratar de temas como responsabilização, desigualdade, liberdade e humanismo, o capítulo propõe que pensar eticamente a IA também implica refletir sobre o próprio humano, promovendo debates democráticos que orientem o uso responsável dessas tecnologias.

Ainda nesse campo, Keine Alves, no capítulo intitulado “Do Iluminismo à Inteligência Artificial: uma reflexão kantiana sobre ética, tecnologia e futuro corporativo”, analisa os impactos éticos e filosóficos da ascensão

da IA sob a perspectiva kantiana, traçando paralelos históricos com o Iluminismo. Fundamentado no conceito kantiano de sujeito moral autônomo e no imperativo categórico, o texto discute criticamente como a autonomia decisória das IAs desafia os limites tradicionais da razão humana e da ética universal. Responsabilidade moral, dignidade humana, equidade e transparência nas decisões mediadas por algoritmos são questões levantadas pelo autor. A análise enfatiza a necessidade urgente de um paradigma ético renovado, inspirado em Kant, para assegurar que o avanço tecnológico seja conduzido de maneira compatível com a dignidade humana e com os princípios éticos universais, promovendo um desenvolvimento sustentável e moralmente responsável.

Agradecemos à Capes e ao MackPesquisa pelo apoio institucional e financeiro à realização dos encontros e simpósios internacionais de Bioética, sem os quais esta coletânea não teria sido possível. Estendemos nossa gratidão à UPM e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, que acolhem e fortalecem a pesquisa em Bioética no Brasil. Por fim, agradecemos aos autores e às autoras que, com generosidade e rigor, aceitaram compartilhar suas reflexões neste volume, contribuindo para o amadurecimento do campo no cenário nacional e internacional.

Neste momento histórico, em que as crises climática, sanitária, tecnológica, política e epistêmica se entrelaçam, torna-se urgente recuperar o sentido da ética como cuidado, responsabilidade e compromisso com a vida. Que este livro possa inspirar essa travessia – e que a Bioética, como queria Potter, siga sendo uma ponte: entre saberes, espécies e tempos. Entre mundos possíveis.

Os textos que compõem esta obra compartilham o mesmo espírito investigativo e compromisso ético. Não apenas reafirmam a vitalidade da Bioética como campo interdisciplinar, mas também convidam a uma reflexão profunda sobre os rumos da vida em sociedade. A pluralidade de perspectivas, abordagens e temas expressa o compromisso do GPEB com a formação de uma bioética crítica, engajada e internacionalizada, alinhada aos grandes debates contemporâneos e sintonizada com as demandas de nosso tempo.

Mais do que reunir contribuições relevantes, este livro é um convite à escuta, ao diálogo e à ação ética. Em um mundo atravessado por crises sanitárias, ambientais, sociais e morais, a Bioética reafirma-se como um campo de resistência e esperança. Que esta obra possa servir de referência para pesquisadores, profissionais e estudantes comprometidos com a construção de um futuro mais justo, solidário e sustentável.

Como enfrentar, ao mesmo tempo, a crise climática, a saúde mental em risco, as decisões tomadas por algoritmos e as desigualdades que insistem em ferir a dignidade humana? *Bioética e interdisciplinaridade: reflexões para um futuro sustentável* mostra por que a Bioética é a linguagem comum para problemas que permeiam a vida real: na clínica, nas políticas públicas, nas escolas, nas empresas e nas tecnologias que usamos todos os dias.

Escrita por especialistas do Brasil e de outros países, a obra apresenta ideias acionáveis: uma ética da responsabilidade para tempos de incerteza; caminhos de justiça climática e reparação; educação para autonomia e competência moral; direitos do paciente e cuidado centrado na pessoa; memória e democracia como bases do desenvolvimento sustentável; e um panorama direto sobre a ética da inteligência artificial, seus vieses, sua transparência, sua explicabilidade e seus limites.

O livro faz jus ao verdadeiro significado de interdisciplinaridade, incitando reflexões que interligam as áreas de Filosofia, Saúde, Direito, Educação, Letras, Comunicação e Ciência Política. Ademais, estabelece um diálogo com a Declaração da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de 2005 e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Organizações das Nações Unidas (ONU), com uma escrita que aproxima teoria e prática.

Resultado de encontros científicos do Grupo de Pesquisa em Ética e Bioética (GPBE) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), a obra é um ponto de partida para quem quer *entender, decidir e agir* com responsabilidade. É especialmente voltada para docentes, profissionais, gestores, estudantes e para todas as pessoas que desejam participar da construção de um futuro mais justo, democrático e sustentável.



Editora
Mackenzie



9 786526 412084

mackenzie.br/editora